

100 ANOS DE O EU E O ID: LEITURAS CONTEMPORÂNEAS¹

100 YEARS OF THE EGO AND THE ID: CONTEMPORARY READINGS

100 AÑOS DE EL YO Y EL ELLO: LECTURAS CONTEMPORÂNEAS

Sissi Vigil Castiel²

Resumo: O texto realiza uma releitura da obra freudiana *O ego e o id* por ocasião da comemoração dos 100 anos de sua publicação. A partir de uma articulação entre metapsicologia e clínica, pretende-se enfatizar a relação entre as instâncias psíquicas com a pulsão de morte, Eros e narcisismo, mesmo que este último não seja diretamente tratado aqui, por entender-se que esses elementos permitem pensar em possibilidades clínicas para as subjetividades com as quais nos deparamos na atualidade da clínica psicanalítica.

Palavras-chave: Segunda tópica. Pulsão de morte. Eros. Sublimação.

Abstract: The text reinterprets the Freudian work *The ego and the id* on the occasion of the celebration of 100 years of its publication. From an articulation between metapsychology and clinical practice, we intend to emphasize the relationship between psychic instances with the death drive, Eros and narcissism, even if the latter is not directly treated here, understanding that these elements allow us to think about clinical possibilities for subjectivities that we face today.

Keywords: Second topic. Death drive. Eros. Sublimation.

Resumen: El texto realiza una lectura de la obra freudiana *El yo y el ello* con motivo de la celebración de los 100 años de su publicación. Desde una articulación entre metapsicología y práctica clínica, pretendemos enfatizar la relación de las instancias psíquicas con la pulsión de muerte, el Eros y el narcisismo, aunque este último no sea tratado aquí directamente, entendiendo que estos elementos permiten pensar en posibilidades clínicas para las subjetividades que enfrentamos hoy en la clínica.

Palabras clave: Segunda tópica. Pulsión de muerte. Eros. Sublimación.

¹ Conferência proferida na Sigmund Freud Associação Psicanalítica em setembro de 2023 pela comemoração dos 100 anos do texto freudiano *O ego e o id*.

² Psicanalista, doutora em Psicologia pela Universidade Autônoma de Madri, membro pleno da Sigmund Freud Associação Psicanalítica, coordenadora de seminários e supervisora da formação em psicanálise. ORCID: <https://orcid.org/0009-0003-6111-8168>. E-mail: sissi.castiel@gmail.com

O eu e o isso é um dos textos metapsicológicos mais importantes e está entre as obras mais lidas de Freud juntamente com *A interpretação dos sonhos* e *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*. O texto introduz a segunda tópica e, ao lado de *Além do princípio do prazer*, dá início ao que se costuma chamar a viragem de 20. Estou muito honrada e agradeço de coração o convite e a oportunidade para realizar uma leitura contemporânea desse texto, porque entendo que o interesse por ele ultrapassa a homenagem pela passagem de seus 100 anos e a questão da tópica. Efetivamente penso que os conceitos ali trabalhados têm ainda hoje uma atualidade imensa e estão no centro de questões clínicas com as quais nos debatemos. Minha posição como psicanalista é a de que o interesse por Freud não é simplesmente histórico, seus conceitos continuam norteando a teoria e a clínica, a complexidade de seu pensamento, sua postura como pesquisador, seu respeito e perseverança na forma de tratar seu objeto de estudo e suas descobertas continuam servindo de referência a nós psicanalistas. É bonito homenagear Freud justamente por um texto no qual um dos pilares é a noção de identificação. Para mim, sem Freud não se pode pensar em psicanálise. Da mesma forma, os autores pós-freudianos em suas contribuições valiosas são imprescindíveis para um pensamento plural que a leitura contemporânea em psicanálise requer, pois nós psicanalistas temos a responsabilidade teórica de fazer trabalhar a teoria de forma que a psicanálise continue sendo vigente.

Uma primeira palavra sobre o título: “o eu e o isso” corresponde à tradução do alemão e daria a especificidade do que Freud queria dizer com os termos. A Standard traduziu para “o ego e o id”. De fato, não se pode perder a especificidade do termo, mas entendo também que a utilização dos termos se relaciona com qual tradução se usou, a versão em que se aprendeu; esta é como a língua mãe e por isso passarei a usar *O ego e o id*.

Peter Gay (1989) afirma que *O ego e o id* foi recebido com uma aprovação enfática por parte dos analistas por entenderem que era uma visão mais clara da estrutura e do funcionamento psíquico. Mas o texto põe em cena muitas questões que alimentam o debate entre psicanalistas, entre elas: a autonomia do ego, o estatuto do inconsciente e da representação e a pulsão de morte. Assim, em vez de gerar unanimidade, está no centro de discussões metapsicológicas e clínicas fundamentais.

Em julho de 1922, Freud disse a Ferenczi que estava se dedicando a um trabalho especulativo que era uma continuação de *Além do princípio do prazer*, o que ele reafirma no prefácio do texto. Desde uma perspectiva epistemológica, entendo que *O ego e o id* precisa ser lido atado ao narcisismo e a *Além do princípio do prazer*, fazendo uma conexão entre a segunda tópica e a segunda teoria das pulsões, e marca uma posição clara de Freud da necessidade de articular essas duas postulações.

As condições culturais de pós-guerra nas quais foi escrito implicavam a necessidade de que ele pensasse em formas de subjetivação para além da neurose e as repercussões clínicas disso, porque se no início de seu trabalho a sexualidade, tanto na forma recalcada quanto na sublimada, estava na ordem do dia, as condições culturais na segunda década do século já não eram as mesmas. O trauma e o narcisismo no decorrer do século XX foram se impondo como problemas dominantes no espaço social e nas subjetividades.

Quer dizer que os motivos que Freud tinha para a escrita remontam a 10 anos antes. Eu traçaria uma ordem: *Schereber*, *Introdução ao narcisismo*, *Recordar, repetir e elaborar*, *Luto e melancolia*, *O homem dos lobos*, *Além do*

princípio do prazer e O ego e o id. Ou seja, penso que o seu entendimento da psicose lhe possibilitou a descrição do narcisismo e da repetição em análise, que lhe propiciaram a descrição da pulsão de morte, que viabilizou a descrição de uma segunda teoria do funcionamento psíquico. Essa, então, pôde contemplar o inconsciente para além do recalcado e da representação, a parte inconsciente do ego e sua vinculação com a repetição, a RTN, a fusão e a des fusão pulsional, e um superego que, em determinadas patologias, se traduz em cultura pura da pulsão de morte.

Uma leitura contemporânea na psicanálise abarca uma visão epistemológica da metapsicologia, de forma a poder articular os conceitos, mas também precisa levar em conta a cultura e as formas de subjetivação. Em nossa cultura, o narcisismo e a destrutividade entre os sujeitos e com o meio ambiente são os elementos centrais de nosso mal-estar, na qual percebemos cada vez mais um estado de melancolização intensificado por uma pandemia que ainda está presente de maneira marcante no imaginário dos sujeitos. Isto repercute nas subjetividades nas quais as falhas do narcisismo e a destrutividade em forma de masoquismo e crueldade sobressaem e que apontam para as patologias do narcisismo, patologias de fronteira, estados-limite, independentemente do nome pelo qual queiramos chamá-las, nas quais as condições estruturais apontam para mecanismos próximos à psicose. E é articulando esses três aspectos que vou realizar a minha leitura, enfatizando o viés da relação entre as instâncias psíquicas, a pulsão de morte, Eros e narcisismo, mesmo que este último não seja diretamente tratado aqui, por entender-se que esses elementos permitem pensar em possibilidades clínicas a partir do conceito de sublimação.

Na verdade, o texto se compõe de muitos temas que não poderei abordar. Além das instâncias psíquicas, há todo o tema do papel central das identificações na constituição das instâncias psíquicas, que certamente o Luis³ abordará magistralmente, além do Édipo, entre outros.

Depois de Freud, muitos autores retomaram o texto, entre eles André Green, com quem eu tenho uma interlocução profunda e que entendo que é um autor imprescindível para a compreensão das subjetividades e para a clínica de nossos dias. Então, nesta fala vou levar em conta também aspectos trabalhados por ele.

Sucintamente, nos primeiros três capítulos, Freud aborda as três instâncias psíquicas que compõem a nova tópica. Sobre o id (nomenclatura utilizada por Groddeck, que era diretor de um sanatório em Baden-Baden e que se aproximou da psicanálise e de Freud), ele afirmava que nossa mente é sujeita a poderes desconhecidos e incontroláveis, o que ele chamava de Isso, termo tomado de empréstimo de Nietzsche; o homem é vivido pelo Isso – dizia ele. Freud seguiu a nomenclatura de Groddeck, embora com um significado mais amplo.

Anteriormente, Freud tinha pensado o ego e o inconsciente em lados opostos. A repetição e o narcisismo implicaram que ele se deparasse com uma parte do ego que é inconsciente, assim como os ideais do sujeito como uma transformação do ego ideal têm um fundamento inconsciente. O id (como um desdobramento do sistema inconsciente) é postulado para abarcar esses aspectos e mais o inconsciente recalcado que igualmente é parte dele. É habitado pelas duas classes pulsionais, Eros e a pulsão de morte, como forças incontro-

³ Menção a Luis Hornstein, que também proferiu uma conferência na Sigmund Freud Associação Psicanalítica em comemoração aos 100 anos do texto freudiano *O ego e o id*.

láveis em ação. O inconsciente recalçado era definido por representações que o sujeito desconhece conscientemente. A palavra define o inconsciente recalçado. Entendo que o id comporta a radicalidade da ideia do desconhecimento que marca nossa existência, pois ele é sobretudo força bruta. As pulsões passam a ocupar o lugar que a representação ocupou na tópica anterior. Esse aspecto do id é o que permite pensar em estruturas psíquicas para além da neurose, nas quais o recalçado não é o dado de base e sim a pulsão como força. Então, se estamos falando que o mal-estar contemporâneo se caracteriza pela destrutividade, a melancolia, a ideia de força é muito importante, e para mim dimensiona a clínica quando se pensa em subjetividades dominadas por intensidades, somatizações e atuações.

Em 1914, Freud tinha afirmado que a libido também está no ego. Isto significava dizer que a dimensão de prazer e de repetição estava nele. O passo dado em 1923 é o reconhecimento de que parte do ego é inconsciente, talvez a maior parte, nas palavras de Freud. Assim, ele define o ego como a parte modificada do id pelas percepções do mundo externo e pelas sensações no corpo, tanto externas quanto internas. O ego é a projeção de uma superfície e primeiro e acima de tudo um ego corporal.

Dada a sua relação com a realidade, o ego comporta a razão. No entanto, Freud permite observar que isso é relativo porque o ego também tem que lidar, além do mundo externo, com o id e o superego. Portanto, o ego mais se equilibra entre senhores do que tem autonomia.

Diferentes grupos de psicanalistas entenderam de diferentes formas o papel da razão e da autonomia do ego e leram o texto de diferentes formas. A leitura desse texto enfatizando uma autonomia do ego fundamenta as teses de Anna Freud destacadas alguns anos mais tarde em seu *O ego e os mecanismos de defesa*, que possibilitaram a leitura de Hartmann em 1960, já dentro do contexto da psicologia do ego, que fez do ego consciente o eixo organizador dos processos psíquicos, deslocando o inconsciente como conceito fundamental. E é dentro desse contexto que Lacan, também nos anos 1960, especialmente no seminário II, rebate os pontos de vista de Anna Freud e da psicologia do ego, demonstrando que o ego cumpre sobretudo uma função imaginária, já que o sujeito é o sujeito do inconsciente, e pensar na autonomia do ego seria um des-caminho. Na minha opinião, a questão da razão e da autonomia do ego para tomar decisões anima até hoje muitas formas terapêuticas, mas essa ideia não constitui a ideia principal de Freud sobre o ego nesse texto na medida em que ele lembra que as pulsões vêm do id e que o mais elevado no ego é inconsciente, o que implica dizer que o ego é submetido ao id e também ao superego, o que é demonstrado na relação de dependência que o ego tem dele na severidade do superego melancólico que age em contrariedade aos interesses do sujeito. A mim parece que a vigência da psicanálise está justamente na manutenção de seu objeto de estudo, que é o inconsciente e as pulsões, e que a partir disso se dirige a um método de trabalho que visa a transformar o sofrimento do sujeito. Assim, discordo da ideia de que a razão, a adaptação e a homeostase do sujeito sejam o propósito da psicanálise.

O superego tinha sido analisado sob o contexto do narcisismo em 1914 no que diz respeito à transformação do narcisismo em ideais – o ideal de ego. Em 1921, em *Psicologia das massas e análise do ego* (FREUD, 1980e), Freud amplia as postulações anteriores tratando da questão sob a vertente das identificações. Em *O ego e o id* (FREUD, 1980c), o superego pensado por Freud é, em síntese, o outro dentro do sujeito. Pela impossibilidade de o ego abandonar as

figuras parentais como objetos, eles são incorporados, tal como na identificação com o objeto perdido na melancolia, passando a constituir uma parte específica dentro do ego. O superego é inconsciente, e ainda que expresse a autoridade dos pais e a moralidade, constitui a expressão mais poderosa dos impulsos libidinais porque é o objeto dentro do sujeito e preservará para sempre o caráter desses objetos para o bem e para o mal. Freud diz que o superego desce fundo no id e por isso acha-se mais distante da consciência que o ego. Então, é uma parte especial do ego que é capaz de dominá-lo.

Para mim, a retirada da libido dos objetos e seu retorno para o ego formando o superego é o fundamento da argumentação do que Freud aborda nos dois capítulos seguintes do texto, que apresentam uma dificuldade maior de apreensão; é como se Freud colocasse em ação o conteúdo do id. Sucintamente, Freud vai abordar as diferenças entre Eros e a pulsão de morte e a maneira como essas duas classes de pulsões se fusionam e se desfusionam. No último capítulo, aborda as consequências negativas da desfusão pulsional para o ego, para os destinos pulsionais e para o superego. O livro que publiquei em 2019, *Narcisismo, pulsões e sexualidade: repercussões clínicas* (CASTIEL, 2019), baseia-se nas minhas reflexões a respeito dos pontos abordados a partir daqui em *O ego e o id*, acrescido da contribuição de outros autores.

Então, Freud afirma que Eros comporta os impulsos sexuais desinibidos mais os impulsos sublimados e impulsos autoconservativos. A pulsão de morte tende a conduzir a vida de volta ao estado inorgânico. Eros é o complicador da vida ao mesmo tempo que tenta preservá-la. Assim, o surgimento da vida seria a causa da continuação da vida e, da mesma forma, do esforço no sentido da morte – pela tendência da pulsão de morte de retorno à quietude absoluta, estado que foi perturbado pelo surgimento da vida. Freud afirma que a vida seria um conflito entre essas duas tendências e seu propósito seria respondido dualisticamente. Em síntese, está sugerindo que o id é habitado por esse caldo de forças antagônicas, uma tendente à vida e outra à morte, e o resultado dessa luta é singular, conforme o sujeito encontre objetos através dos quais a força bruta possa se ligar para que seja transformada em Eros. Com isso, percebe-se que a pulsão de morte é originária no psiquismo e a vida estaria na dependência da ligação a objetos que fariam possível a manifestação de Eros, que depende de objetos para que se formem representações. Do contrário, a força continuará tendente à descarga e ao desligamento característico da pulsão de morte.

Como se fusionam e se desfusionam as duas classes de pulsões? Freud afirma que a pulsão de morte é neutralizada, se direcionada para fora, fusionando-se com Eros, mas quando se desfusionam ocorre o aparecimento pronunciado da pulsão de morte, o que é um elemento importante a ser considerado nas neuroses graves. Um exemplo de fusão é o sadismo componente da pulsão sexual e o sadismo perverso como desfusão.

A libido que é retirada dos objetos é uma energia dessexualizada que fica como um estoque de energia que pode ser deslocada entre impulsos, e esse trabalho é feito através de uma mediação do ego que recebe essa energia. Quando isso acontece entre impulsos relativos a Eros não há dúvida, é perfeitamente claro, é o deslocamento que opera a serviço do princípio do prazer para facilitar descargas e neutralizar bloqueios, e ainda que essa energia deslocável seja libido dessexualizado, ela retém a finalidade principal de Eros, que é a de unir e ligar – por exemplo, o pensamento no qual a energia dos impulsos eróticos é deslocada e acrescentada a impulsos não eróticos, mas que ainda assim continuam no domínio de Eros.

No entanto, a transformação do amor em ódio leva Freud a pensar que uma energia de Eros pode ser acrescentada à pulsão de morte. Para retomar, a transformação do amor em ódio é um tema muito pouco abordado por Freud; só falou dela duas vezes além daqui, em *Schereber* (FREUD, 1980b) e em *Pulsões e seus destinos* (FREUD, 1980d). É uma questão muito importante porque é através dela que Freud descreve o mecanismo da paranoia. E em 1915, coloca a transformação do amor em ódio como uma das formas do destino pulsional da transformação no contrário, um destino narcisista.

Em *O ego e o id* (FREUD, 1980c), amplia o modelo da transformação do amor em ódio colocando esse destino pulsional dentro do quadro da segunda teoria das pulsões, ou seja, para falar das consequências econômicas de quando uma energia proveniente de Eros é acrescentada à pulsão de morte. A libido retorna ao ego e este se apodera das catexias do objeto, transformando-se por isso em objeto amoroso único, não consentindo em investir em algumas das outras catexias objetais do id. Essa retenção da energia no ego implica dizer que ele está trabalhando em oposição aos objetivos de Eros e colocando-se a serviço da pulsão de morte.

Para mim, essa formulação condensa profundas reflexões e permite alinhavar muitos fios dispersos desde *Além do princípio do prazer* (FREUD, 1980a) até *O ego e o id* (1980c). A retirada das catexias eróticas tem por consequência liberar os impulsos destrutivos. Ou seja, a pulsão de morte fica caracterizada como força de desligamento em contraposição à ligação. É como acontece na transformação do amor em ódio. Portanto, é algo que ocorre na patologia, na qual os destinos pulsionais em questão são a transformação no contrário e a volta contra si mesmo, que são formações narcisistas cujas metas e objetos são o corpo do sujeito, em detrimento do recalque e da sublimação, que são mediados pelo símbolo, e a meta da pulsão é atingida de forma simbólica.

Freud diz que nestas condições, a partir do retorno das catexias objetais para o ego, este se posiciona como objeto amoroso único. Em outras palavras, isto é dizer que o narcisismo está em questão, mas não se trata da parcela de sustento da autoestima e da identidade do sujeito, mas de uma face mortífera do narcisismo que retém a energia no ego, impede o retorno a objetos e por isso torna-se presa da pulsão de morte, o que leva à liberação de impulsos destrutivos. Essa face do narcisismo não foi trabalhada diretamente por Freud, mas para mim está sugerida, quando afirma na sequência: “Isso pareceria implicar uma importante amplificação da teoria do narcisismo” (FREUD, 1980c, p. 62). Outros autores trabalham com esse conceito que me parece fundamental, dentre eles Green, que postula o narcisismo de morte como uma tendência ao retorno ao zero, consequência do desligamento e da desobjetualização característicos da pulsão de morte. A outra consequência desta atividade do ego de se tornar objeto amoroso único é a liberação dos impulsos destrutivos.

No último capítulo Freud se refere ao superego severo e à RTN. Minha leitura é a de que quando a pulsão de morte domina, as catexias não são dirigidas a objetos, o que implica um narcisismo mortífero. A pulsão de morte não é desviada para fora nem é ligada a Eros, a maior parte dela faz um trabalho interno de destrutividade através do superego. A agressividade volta-se contra o ego e o superego torna-se cultura pura da pulsão de morte, nas palavras de Freud. A desfusão é a fonte da severidade do superego que se torna cruel e sádico com o ego, que se transforma em masoquista. Entendendo-se o primeiro como a incorporação do outro no sujeito, é importante ressaltar os efeitos da cultura sobre o sujeito, já que é uma cultura que propicia o encerramento narcísico, a destrutividade, o ódio entre os sujeitos e frente ao meio ambiente.

Para finalizar minha leitura, vou abordar o papel de mediação do ego nesse processo de retorno das catexias objetais e a sublimação. Freud afirma que a sublimação ocorre quando a libido retorna dos objetos ao ego e este passa a fornecer-lhe outros objetivos e objetos. A libido sofreria uma espécie de dessexualização, segundo Freud. Entendo a dessexualização presente na sublimação tal como Freud diz que acontece com o pensamento. A energia dos impulsos eróticos é deslocada e acrescentada a impulsos não eróticos, mas que ainda assim continuam no domínio de Eros porque retêm a finalidade principal deste, que é unir e ligar. Portanto, a sublimação é um processo de Eros em contraposição à retenção da libido no ego característico da pulsão de morte.

Esse processo de deslocamento da energia é mediado pelo ego. Pensar nesse papel de mediação do ego é pensar o ego como um lugar de contenção. Essa postulação está em conexão com o que Freud tinha formulado sobre o ego em 1914 em *Sobre o narcisismo: uma introdução* (1980f). Lá afirma que a transformação do autoerotismo em narcisismo está na dependência da constituição de um ego que se forma a partir da ação identificante da mãe que considera o bebê *his majesty the baby*. A supervalorização do filho feita pela mãe permite à criança identificar-se com essa imagem valorizada como sendo a sua e esta será tomada como objeto, o que vem a ser o narcisismo. A formação do ego e o narcisismo são processos concomitantes, poder investir em si não é viável sem que haja o ego, e este é viabilizado pelo outro. A mãe ofereceria uma primeira totalização da imagem de si que se opõe à dispersão originária e possibilita uma contenção para o psiquismo e para o corpo. Essa matriz de si mesmo é fundamentalmente corporal para Freud. Então, o ego é lugar de contenção, identidade, corpo e imagem de si. Existe uma formulação de Green (1983) que é a estrutura enquadrante. Ele afirma que a mãe suficientemente boa de Winnicott é fundadora de uma estrutura enquadrante no bebê no sentido do enquadre (que eu leio como “contenção”), que representa o contato com seu corpo. A estrutura enquadrante se alcança quando o amor do objeto é seguro e capaz de desempenhar o papel de continente do espaço representacional. Na base do entendimento da estrutura enquadrante está a possibilidade de o bebê se identificar com essa capacidade de conter-se. Em minha opinião, esse é o ego em Freud desde a perspectiva do narcisismo e de *O ego e o id* (1980c).

Então, quando a libido passa a ser devolvida aos objetos, o ego como lugar de continência e direcionamento funciona como uma estrutura enquadrante. No entanto, quando a libido fica presa no ego em um narcisismo mortífero, o ego fica limitado nessa função de continente. Não há espaço para investimento de objetos, não há espaço para criar, só repetir. Conceber o ego dessa forma repercute na clínica dos pacientes que apresentam falhas na constituição do narcisismo e por consequência do ego e que têm uma dimensão de excesso que se manifesta no corpo como inquietude e angústia, nas atuações e nas somatizações. Falta a dimensão de continência das intensidades psíquicas para que possam ser ligadas.

Conter o pulsional faz parte do processo de representação na análise através da transferência, que é o lugar no qual o sujeito pode ser escutado e assim narcisizado. Desde o ponto de vista de Green (2015), a estrutura enquadrante que a mãe possibilita faz eco à estrutura enquadrante que o enquadre possibilita na análise. Bem entendido que, para o autor, “enquadrante” não quer dizer formatação e sim contenção. É a experiência de ser para o outro analista que pode permanecer, que pode escutar e pode dar um lugar à loucura do paciente.

O meu trabalho sobre a sublimação (CASTIEL, 2007) diz respeito a mostrar como essa postulação de 1923 abre possibilidades ao conceito ao colocá-lo na esteira de Eros. Parto do pensamento de Freud que se inicia com a questão de o que ocorre quando o sujeito tem que abandonar os objetos primordiais como objetos de amor. Quais são as consequências disso? O deixar ir o objeto, um luto e não o aferramento a ele, quer dizer que os objetos constituídos se encontram em uma linha simbólica com o objeto original. Valho-me do conceito de função objetualizante de Green et al. (1988) para esclarecer a função da sublimação no psiquismo, que seria a capacidade de objetualizar, de criar objetos de expandir-se, de consentir em outras catexias do id, como diz Freud. Um trabalho de ligação em contraposição ao desligamento da pulsão de morte. Em comparação aos outros destinos pulsionais, a sublimação e o recalque são destinos que promovem um afastamento do narcisismo enquanto as outras duas encontram-se em seu domínio, tese sustentada por Freud em *Schreber* (1980b). Lá Freud analisa o desligamento da libido de objeto e a regressão para o narcisismo como o engrandecimento do ego, a megalomania e o desmanche das sublimações. A manutenção do narcisismo está na essência da instalação da patologia, enquanto o movimento sublimatório se caracterizaria por um distanciamento do narcisismo.

O ego e o id (FREUD, 1980c), em particular esse capítulo, permite redimensionar fortemente o papel das pulsões no psiquismo, bem como a relação entre pulsão de morte, Eros e narcisismo. Em uma cultura narcisista como a nossa que dita “goze” sem cessar, esse trabalho de elaboração do pulsional fica dificultado. Muitas vezes os pais estão narcisicamente ocupados consigo próprios e falham na sua função de narcisizar o filho. Estas falhas redundam em um enredamento no narcisismo quer pelas falhas, quer por impossibilidade de desinstalar a criança desse lugar. Green (1993) coloca que nas subjetividades atuais o conflito se dá não com o desejo, mas com o objeto que é traumático. Traumático nesse sentido das falhas nas suas funções primordiais, quer por falta, quer por excesso. Sem possibilidade de metabolizar, o sujeito se sente ameaçado de destruição pelo objeto, com uma autonomia conquistada através de satisfações narcisistas, em detrimento de satisfações objetais. A constância do ser se equilibra em se defender de um objeto vivido como explorador, o que implica pouca disponibilidade às intervenções do analista, que nesse caso é vivido como hostil, invasivo ou indiferente.

Dentro desse contexto, de que maneira eu penso o trabalho de análise atualmente? O psicanalista precisa se ocupar com os pacientes que se apresentam hoje, então uma concepção contemporânea do texto de Freud leva a encontrar aí as ferramentas frente às questões que se apresentam na clínica entremeada por posições de outros autores em uma visão plural. Entendo que o analista atualmente está frente à força do pulsional mais do que frente à representação, o que está fora do campo das palavras, ou seja, está muitas vezes frente ao masoquismo, ao ódio, à melancolia, à possibilidade da RTN com o analista precisando manter em si o desejo e a aposta no analisar, que é certamente um dos pilares que permitirá a transformação do mortífero no paciente. Dentro desse contexto, a noção de transferência e contratransferência assume um papel importante, na qual esta última se relaciona à ideia de que se possa pensar e colocar em palavras o que o paciente não pode como uma atitude técnica que visa à representação e à simbolização. O encontro do analista com o pulsional do sujeito implica uma contenção da pulsão em contraposição à sua descarga.

O analista tem como meta o estabelecimento de um processo gradual de narcisização que acontece na análise, através da experiência de ser escutado e de escutar-se, no sentido do compartilhamento com o outro analista que acolhe e por isso lhe dá um lugar. Isto inaugura a experiência de ser para o outro – pilar do narcisismo, e com isso a ligação da força pulsional, permitindo transformar pulsão de morte em Eros, o que implica que a pulsão possa se desgarrar de seus destinos mais aprisionadores e transitar por destinos mais elaborados. Entendo que a psicanálise tem o objetivo de transformação da condição de sofrimento do paciente. Ocupo-me com a dimensão terapêutica da análise e isto se relaciona também com um olhar para os destinos pulsionais em causa. Esse, para mim, é o papel da sublimação na clínica, a transferência vai tirando a força pulsional da pulsão de morte através de um movimento sublimatório de ligação na transferência e a partir dela em direção a outros objetos, o que implica a elaboração e a representação baseadas na vivência do pulsional na análise através da transferência. O ato clínico é um trabalho de desconstrução dos destinos pulsionais para poder relançar o sujeito em sua possibilidade de desejar de forma a permitir uma existência mais inventiva.

REFERÊNCIAS

- CASTIEL, S. *Narcisismo, pulsões e sexualidade: repercussões clínicas*. São Paulo: Escuta, 2019.
- CASTIEL, S. *Sublimação: clínica e metapsicologia*. São Paulo: Escuta, 2007.
- FREUD, S. Além do princípio do prazer. In: FREUD, S. *Edição brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (Vol. XVIII)*. Rio de Janeiro: Imago, 1980a.
- FREUD, S. Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranoia. In: FREUD, S. *Edição brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (Vol. XII)*. Rio de Janeiro: Imago, 1980b.
- FREUD, S. O ego e o id. In: FREUD, S. *Edição brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (Vol. XIX)*. Rio de Janeiro: Imago, 1980c.
- FREUD, S. Os instintos e suas vicissitudes. In: FREUD, S. *Edição brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (Vol. XIV)*. Rio de Janeiro: Imago, 1980d.
- FREUD, S. Psicologia das massas e análise do ego. In: FREUD, S. *Edição brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (Vol. XVIII)*. Rio de Janeiro: Imago, 1980e.
- FREUD, S. Sobre o narcisismo: uma introdução. In: FREUD, S. *Edição brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (Vol. XIV)*. Rio de Janeiro: Imago, 1980f.
- GAY, P. *Freud: uma vida para nosso tempo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- GREEN, A. *Del pensamiento clínico al paradigma contemporâneo: conversaciones*. Buenos Aires: Amorrortu, 2015.
- GREEN, A. *El trabajo del negativo*. Buenos Aires: Amorrortu, 1993.
- GREEN, A. *Narcisismo de vida y narcisismo de muerte*. Buenos Aires: Amorrortu, 1983.
- GREEN, A. et al. *A pulsão de morte*. São Paulo: Escuta, 1988.